



# HUMANISMO

No período de transição da Idade Média para o Renascimento, o movimento artístico-literário que surgiu, chamado de Humanismo, se alimentou das contradições do contexto histórico. Nesta época, valores muito diferentes conviviam na sociedade, muitas vezes entrando em choque, e isso transparece nas obras de arte do período.

Portugal acabava de se estabelecer como nação após as guerras de Reconquista e a Revolução de Avis (1383-1385). O estabelecimento da monarquia permitiu que Portugal fosse pioneiro nas Grandes Navegações e também abriu espaço para o mecenato, que é o patrocínio de artistas por pessoas da burguesia, nobreza ou pelo próprio rei.

No caso de Portugal, um dos primeiros escritores agraciados com o mecenato real foi o historiador Fernão Lopes, cujos escritos, num tom entre romance e epopeia, narravam a história recente do país com base em documentos encontrados, em boa parte, na Torre do Tombo. Sua prosa tinha espaço tanto para os feitos dos reis e nobres quanto para relatos da vida cotidiana do povo.



Historiador Fernão Lopes

Na poesia humanista, vemos já o emprego da língua portuguesa moderna - evoluída e separada do galaico-português do Trovadorismo - e o fim do uso de música para acompanhar a apresentação destes textos. A poesia palaciana do período - que recebeu este nome porque era feita para ser recitada dentro dos palácios - é marcada pelo uso de figuras de linguagem mais elaboradas, que não eram empregadas nas produções do Trovadorismo, e pelas redondilhas maiores e menores (5 e 7 sílabas poéticas). Os temas eram variados, indo desde a vida na corte até às sátiras de costumes, com espaço para declarações de amor. A principal obra que reúne poesias palacianas é o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, publicado em 1516. Veja um poema presente na obra:

*Senhora partem tam tristes.  
Meus olhos por vós, meu bem,  
Que nunca tam tristes vistes  
Outros nenhuns por ninguém.*

*Tam tristes, tam saudosos,  
Tam doentes da partida,  
Tam cansados, tam chorosos,  
Da morte mais desejosos  
Cem mil vezes que da vida.*



Partem tam tristes os tristes,  
Tam fora d'esperar bem,  
Que nunca tam tristes vistes  
Outros nenhuns por ninguém.

(Cantiga Sua Partindo-se, de João Ruiz de Castelo Branco)

O maior escritor do Humanismo na língua portuguesa foi Gil Vicente. Ele é considerado o criador do teatro português, uma vez que é, ao menos do que se tem notícia, o primeiro dramaturgo a escrever as peças antes de encená-las. Suas peças misturavam elementos de diversos gêneros.



Gil Vicente

O teatro humanista tinha caráter popular, ao contrário da poesia palaciana. Havia dois tipos de peças: os autos e as farsas. Os autos serviam para ensinar lições, em geral religiosas, aos espectadores. As farsas, por outro lado, eram encenações curtas e cômicas.

Das obras de Gil Vicente, destaca-se o Auto da Barca do Inferno, de 1517. Trata-se de uma alegoria, pois as cenas não têm relação umas com as outras, embora ocorram em um mesmo ambiente. Elas traziam uma visão ainda bastante pautada na moral religiosa medieval, mas por outro lado destacavam figuras do povo, servindo como verdadeiros documentos sobre a vida cotidiana do século XVI.

O Auto da Barca do Inferno foi escrito com redondilhas maiores (versos com 7 sílabas poéticas). Em cena, temos dois personagens, o Anjo e o Diabo, cada um esperando em sua barca pelos mortos que chegam. Estes mortos são personagens alegóricos, que representam uma ideia abstrata ou uma classe social. Quando estes personagens fazem parte de alguma instituição - por exemplo, a Igreja - eles não existem para criticar a instituição como um todo, mas para condenar os membros daquela instituição que não se comportam de maneira adequada.

Assim, os personagens do Auto da Barca do Inferno servem para dar lições aos espectadores da peça: todos os personagens avaros, hipócritas, apegados aos bens materiais são levados pelo Diabo, enquanto os poucos bons personagens seguem com o Anjo. O auto usa muita ironia e diálogos diretos, coloquiais, com o vocabulário se adaptando à realidade de cada personagem.



Ilustração da edição original do Auto da Barca do Inferno



**ANJO.** Que quereis?

**FIDALGO.** Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.

**ANJO.** Esta é; que demandais?

**FIDALGO.** Que me deixeis embarcar. Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

**ANJO.** Não se embarca tirania neste batel divinal.

**FIDALGO.** Não sei por que haveis por mal que entre a minha senhoria...

**ANJO.** Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.

**FIDALGO.** Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia?

No trecho acima, o fidalgo tenta embarcar na barca para o Paraíso, justificando que sua posição social permite que ele faça isso.

**ANOTAÇÕES**